

A Política Atual dos EUA de Provocar a Rússia é Fundamentalmente Falha

Major John M. Qualls, Exército dos EUA, Reformado



(Vasily Ivanovich Surikov, 1899)

Pintura: Soldados russos sob o comando do generalíssimo Suvorov atravessam os Alpes em 1799.

A NOSSA POLÍTICA ATUAL em relação à Rússia é falha e deve ser reavaliada. Nós, os Estados Unidos, parecemos determinados a entrar em rota de colisão com a Rússia, rota essa que deve ser evitada a todo custo por medo que uma troca de fogo acidental entre as forças militares das duas nações leve ao uso de armas nucleares. A insistência americana na independência de Kosovo, a busca de acordos com nações vizinhas para instalar mísseis balísticos de defesa e o encorajamento de democracias-clientes no Cáucaso e no Leste Europeu: todos anunciam

que os Estados Unidos buscam desafiar a Rússia no seu próprio quintal.

No longo prazo, as nações buscam seus interesses independentemente das personalidades de seus líderes. É fácil caracterizar o comportamento de líderes individuais de nações como bom ou mau. No entanto, para colocar os acontecimentos recentes em perspectiva, é preciso evitar a propaganda do slogan rápido e se concentrar na situação estratégica. Qualquer soldado que tenha um pouco de experiência sabe que, parafraseando Êsquilo, a primeira vítima em qualquer guerra é a verdade.

Os fatores como as barreiras linguísticas, diferenças culturais e tradições religiosas levam a nossa nação a entender e interpretar mal as ações russas. O problema da barreira linguística é autoexplicativo: os russos usam o alfabeto cirílico, nós, o alfabeto latino. Embora um americano possa, muitas vezes, interpretar uma palavra francesa ou espanhola sem conhecimento da língua, tal interpretação em contexto é impossível com idiomas como o russo, que usam um alfabeto diferente. Assim, a barreira linguística dificulta a comunicação entre as duas nações. Além disso, a Rússia é, essencialmente, uma nação cristã ortodoxa cujas atitudes culturais e religiosas são intimamente interligadas até hoje, apesar de 70 anos de comunismo militante. O cristianismo ortodoxo é diferente do cristianismo ocidental, que tenta, desde Agostinho e Tomás de Aquino, dividir, definir e explicar a teologia cristã. O cristianismo ocidental sempre reinventou e, até certo ponto, mudou suas crenças religiosas ao longo do tempo, mas a Igreja Ortodoxa Oriental continua a aceitar as antigas escrituras da igreja (por João Crisóstomo, Basílio Magno e Gregório, o Teólogo) como definitivas e sem mais necessidade de explicação. Alguns dizem que a Igreja Ortodoxa é, portanto, mais

O major John M. Qualls, do Exército dos EUA, reformado, é bacharel pela Academia Militar dos EUA em West Point e

mestre pela Penn State University. Coursou também a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA.

espiritual. Por essas razões, entre muitas outras, os russos tendem a ser mais obedientes à autoridade, enquanto os americanos costumam ser mais individualistas.

Uma breve história do Leste Europeu ajuda a explicar por que a política atual dos EUA dirigida à Rússia é provocadora e perigosa. A história da Rússia começa com a formação das cidades-estado democráticas eslavas, organizadas pelos varegues (vikings que viajaram rumo ao leste). A cristianização dos russos de Kiev pelo Príncipe Vladimir, em 988, levou a uma identidade nacional. A invasão e a depredação dos mongóis no século XIII se seguiram a 200 anos de paz relativa. Esses guerreiros nômades foram islamizados no início do século XIV sob a Horda Dourada. Gradualmente, a resistência aos Khans se centrou no Grão-Ducado de Moscou. No século XV, depois de muitas batalhas e mortes, os mongóis foram derrotados no rio Ugra e a Rússia se livrou do jugo mongol dos descendentes de Gengis Khan.

Mais ao sul, os otomanos conquistaram Constantinopla em 1453 e transformaram a maior catedral do mundo cristão ortodoxo, a Santa Sofia (construída pelo Imperador Justiniano e concluída em 537 d.C.), em uma mesquita. Do século XV até o início do XVIII, o Grão-Ducado de Moscou expandiu sua base de poder até que a Rússia se tornou uma potência mundial reconhecida sob o czar Pedro, o Grande. Até certo ponto, a história da Rússia no último milênio é a história de seu povo cristão tentando proteger as suas fronteiras contra a invasão externa.

De 1700 ao início do século XX, a Rússia guerreou contra a Suécia, Áustria, Inglaterra, França, Alemanha, Polônia, região do Cáucaso, tribos islâmicas da Ásia Central, Império Otomano e Japão. A Rússia ampliou a sua influência graças aos sucessos militares dos marechais Suvorov (época de Catarina, a Grande) e Kutuzov (era de Napoleão). (O Almirante John Paul Jones, considerado um dos fundadores da Marinha dos EUA, serviu na Rússia sob Catarina, a Grande, contra o Império Otomano.) A política externa de meados do século XIX e do início do século XX se concentrou na autoidentidade da Rússia como protetora dos cristãos ortodoxos. A Rússia se via como a continuação do Império Bizantino e como a terceira Roma. Essa autoidentificação compeliu a Rússia a buscar a retomada de Constantinopla

para fazer com que a Santa Sofia se tornasse uma catedral cristã ortodoxa mais uma vez.

Devemos examinar a situação atual com base nesse conhecimento da história da Rússia. A partilha do Kosovo foi a primeira ação militar ocidental a advertir que os Estados Unidos agiriam contra os interesses russos. Ela estava em seu ponto mais fraco militarmente, logo depois do colapso do comunismo, e ainda havia um sentimento positivo em relação aos Estados Unidos. Contudo, a Rússia não pôde ver interesse vital algum dos EUA na pequena Sérvia nem entender por que tomaram o lado dos jihadistas muçulmanos albaneses contra os cristãos ortodoxos. Além disso, depois dos atentados de 11 de Setembro, os Estados Unidos foram à guerra contra os jihadistas; por que ficariam do lado deles no Kosovo? Até hoje, muitos russos suspeitam que houve alguma negociação secreta com os wahabitas da Arábia Saudita.

Considere-se o contexto mais amplo. O que é mais estável para os interesses ocidentais na Sérvia/Kosovo: jihadistas muçulmanos que saqueiam e pilham ou que a Sérvia e Kosovo permaneçam uma nação cristã ortodoxa estável? Da perspectiva russa, manter o Kosovo como parte da Sérvia é, definitivamente, do seu interesse nacional.

Desde o século XVII, a Rússia se considerou a protetora dos cristãos ortodoxos em todo o mundo. A política russa desde essa época foi proteger as nações ortodoxas menores contra ataques islâmicos. O Kosovo é a terra ancestral sérvia e faz parte da Sérvia desde 1190. A sede do Patriarca da Sérvia é Pec, no Kosovo. O Príncipe Lázaro, um santo da Igreja Ortodoxa e um dos grandes heróis da Sérvia, foi morto em Kosovo, em 1389, defendendo seu país contra os turcos otomanos. Desde meados da década de 90, centenas de igrejas e mosteiros ortodoxos foram profanados, desfigurados e destruídos (com pouca intervenção dos EUA) no Kosovo por muçulmanos albaneses que nunca moraram lá. Tal destruição das igrejas ortodoxas no Kosovo é uma ofensa para a Rússia, e ela provavelmente tomará uma atitude por todas as razões citadas anteriormente, na hora de sua escolha. Da perspectiva russa, os Estados Unidos não têm uma boa razão para o seu interesse no Kosovo, mas a Rússia tem, com base em sua história.

Os estudiosos da história militar e diplomática dos EUA sem dúvida conhecem a Doutrina

Monroe, proclamada pela primeira vez pelo presidente James Monroe em 1823. Afirmava que os Estados Unidos não permitiriam que as potências europeias colonizassem ou interferissem nos assuntos das nações das Américas do Sul, Central e do Norte. Essa doutrina foi invocada muitas vezes para impedir que a França, Inglaterra e Espanha bloqueassem os interesses econômicos e políticos dos EUA no Hemisfério Ocidental. A Doutrina Monroe levou à guerra dos EUA com a Espanha e às intervenções dos EUA no México. Mais recentemente, em 1962, o presidente Kennedy invocou a Doutrina Monroe para se opor à instalação de mísseis nucleares pela União Soviética na Cuba de Fidel Castro. A ironia não passa despercebida pelos russos atualmente. Claramente, não desejaríamos que houvesse armas russas tão perto do território continental dos Estados Unidos, e a maioria dos americanos considera a quarentena naval de Cuba em 1962 uma proteção justificada dos nossos interesses nacionais.

Então, por que protestamos quando a Rússia se ofende com os esforços dos EUA de posicionar escudos antimísseis no quintal da Rússia — na Polônia, na República Checa ou até na Ucrânia? Talvez fosse melhor se colocássemos essas baterias de mísseis em outro lugar na trajetória de voo de um lançamento do Irã. Outros locais seriam muito menos provocadores para a Rússia e tão ou mais eficazes que os atuais. (O alcance do míssil é provavelmente intercontinental, e a capacidade de carga útil é suficiente para comportar uma arma nuclear.) Ficamos ofendidos, com razão, quando a União Soviética tentou colocar mísseis em Cuba. Por que devemos ignorar os esforços da Rússia de se proteger contra nossos mísseis em locais avançados? Por que provocar a Rússia quando não precisamos fazê-lo?

Considerem-se as implicações militares: Os Estados Unidos têm a capacidade de colocar mísseis na Polônia a despeito dos desejos russos? Um ultimato para remover os mísseis é uma possibilidade distinta. A Rússia já disse que não aceitará os mísseis americanos na Polônia. As forças militares americanas já estão sobrecarregadas, e qualquer força de defesa americana teria de ser pesada, capaz de derrotar um ataque russo. Tal cenário é indefensável. Caso ocorresse, poderia levar ao uso de armas nucleares. É preciso que

cabeças mais frias prevaleçam agora, antes que tracemos uma rota insensata, insustentável e da qual teríamos dificuldade em sair.

Qual será o resultado se fizermos promessas à Polônia, Ucrânia, Geórgia e outros países que fazem fronteira com a Rússia, mas não respaldarmos esses acordos com tratados ratificados pelo Senado dos EUA? É realmente um interesse nacional vital dos EUA proteger um país vizinho da Rússia à custa do maior relacionamento? Arriscaremos, realmente, um conflito nuclear por causa de um sentido exagerado do nosso próprio poder e importância? Muitos desses países integraram o Império Russo ou a União Soviética por grande parte de sua história. A Rússia já afirmou que compensaria as vantagens americanas em armas inteligentes com o uso de armas nucleares táticas em qualquer combate que tivéssemos com ela. No entanto, até em um cenário militar puramente convencional, a Rússia operaria em linhas interiores perto das áreas de reabastecimento, enquanto nós teríamos de projetar um poder militar substancial que está, atualmente, comprometido com outros lugares.

A situação no Cáucaso é particularmente arriscada. Neste momento crítico, seria vantajoso para os Estados Unidos evitar a diplomacia jingoísta na região, porque as nações tribais da área têm muito mais em comum com a Rússia do que conosco. As várias tribos do Cáucaso guerreiam entre si desde antes dos tempos históricos. Sim, portam punhais curiosos e usam uniformes militares interessantes, mas se virariam contra nós assim que lhes fosse conveniente, porque essa é a maneira como lutam há mais de mil anos. Provavelmente, a intervenção americana no Cáucaso resultaria em alianças tribais com a Rússia contra os EUA, e estaríamos em desvantagem militar insuperável. O terreno no Cáucaso é montanhoso e exigiria grandes quantidades de forças de infantaria a pé, bem como unidades pesadas. A intervenção dos EUA seria problemática.

A Rússia já não é um Estado comunista, e nós, americanos, devemos entender as grandes mudanças pelas quais a Rússia passou desde 1988. Há liberdade de religião, propriedade privada, livre associação e liberdade de ir e vir. A Rússia já não é nosso inimigo; contudo, ao tratá-la como tal, podemos compeli-la a tornar-se um. Devemos reconhecer as diferenças linguísticas, culturais e religiosas entre as nossas duas nações e considerá-



Mapa da CIA dos grupos etnolinguísticos na região do Cáucaso, 1995. As fronteiras nacionais são representadas por linhas grossas em negrito; as fronteiras regionais dentro de um país por linhas finas em negrito; e as fronteiras disputadas, por linhas tracejadas.

las em equilíbrio com o que elas têm em comum. Hoje, a Rússia é muito mais livre que era há apenas 20 anos. Conta com mais engenheiros que advogados de defesa e uma população instruída, além de dispor de grandes recursos naturais. Não devemos antagonizar a Rússia no curto prazo, porque ela tem um futuro brilhante na economia mundial, que pode trazer benefícios para todos. Não devemos buscar motivos para dividir os nossos dois países, mas interromper a nossa política insensata em relação à Rússia e engajá-la em áreas

de interesses mútuos, trabalhando com ela de forma direta e aberta, como condiz com seu status como grande potência.

Três antigos secretários de Estado — George Shultz, James Baker e Colin Powell — serviram durante a Guerra Fria. Devemos solicitar suas opiniões sobre nossa atitude de provocação em relação à Rússia. Devemos perguntar a esses homens se instigá-la vale o risco do erro do cálculo e da guerra. Valeria muito a pena ouvir tal discussão. **MR**